



Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 3, Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — O canto colectivo nas escolas primarias — Rabeca ou rebecca? — Damião de Goes — Notas Vagas — Carlos de Mesquita — Concertos — Noticiario — Bibliographia — Necrologia — Os novos Guarda-Musicas.

O CANTO

COLLECTIVO NAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Continuado do numero 152)

O canto coral é uma das manifestações musicas *ab-inicio* mais ligadas ao instincto que torna os animaes superiores sensiveis á percepção sonora: O canto em côro nota-se com effeito, para não alcançar mais remotamente, nas aves que, como todos conhecem, é vulgarissimo reunirem-se em bandos mais ou menos numerosos, por exemplo ao romper do dia e ao pôr do sol, emmittindo as mais poderosas notas do seu canto. Nas tribus selvagens de differentes raças humanas, o canto coral, primitivo, grosseiro, mas nem por isso, ás vezes, menos harmonioso, constitue geralmente uma das instituições mais curiosas e necessarias da vida social nas hordas incivilisadas ou no estado de civilisação rudimentar.

Partindo deste principio, o canto coral nas sociedades soffriavelmente constituídas, torna-se de satisfação necessaria de um elevado instincto, em funcção impreterivel de órgãos que reclamam o seu poderoso exercicio na sua plenitude; vem a ser o trabalho aproveitavel de appaarelhos que possuem uma importancia capital, taes são o appaarelho respiratorio e o da voz que, tanto no ponto de vista do natural desenvolvimento organico, como no da comunicação dos pensamentos e dos sentimentos, á qual se reduz a vida de relação, necessitam de operar um certo numero de esforços regularmente executados para consecução do seu maximo aproveitamento.

O canto, entre os alumnos em conjuncto, chega a ser uma necessidade fatal do organismo n'um grau relativamente atrazado de evolução. E' instinctivo, como diziamos, e tem a fatalidade dos impulsos naturaes E' sabido que as creanças tendem a exercer a voz em altos gritos, sobretudo quando se encontram junctas, e é de todo o ponto conveniente regularisar essa vocalisação, poupando, por meio do canto, os órgãos vocaes a excessos que os prejudicam no fim de algum tempo. E' ainda o canto coral que consegue de uma

maneira mais facil este resultado, sendo um dos meios mais praticos de aperfeiçoar a voz, de avivar a memoria e de moralisar, não só as creanças, como qualquer grupo de individuos da especie humana.

Todos os gymnasiarchas estão de accordo sobre a utilidade do canto coral, que encontra na escola mais de uma applicação de grande alcance.

Entre outros, o coronel Amoros e Napoleão Laisné figuram como principaes propugnadores do canto como exercicio complementar da gymnastica e particularmente como auxiliar desta. E' prescindivel, apesar de elucidativo, ir procurar á historia a razão de ser e os factos confirmativos desta affirmação a respeito do canto, como exercicio educativo. Basta citar ao acaso. Areteo, celebre medico grego, recommendava o exercicio moderado da voz, apoiado principalmente nas notas graves, para evitar a pulsação repêrcutida na cabeça e produzida pelas notas agudas, ao passo que a emmissão moderada é util á circulação da cabeça (Mercurialis, *De Arte gymnastica*; Laisné, *Recueil de chants spéciaux*, etc. (1)).

Na Salpêtrière, Laisné notou que, quando fazia acompanhar os exercicios gymnasticos de cantos, por vezes executados com uma certa energia, as doentes ficavam melhor dispostas, sendo aliás as internas deste hospicio nevropathas muito susceptiveis, que um nada fazia entrar em crise. O enthusiasmo do dr. Dragmann, director do Instituto Orthopedico de Copenhagen, valeu a Laisné a cruz da ordem do Danebrog, pelo optimo resultado obtido pelo emprego do methodo deste mestre da gymnastica, nos hospitaes de creanças de Paris e na Salpêtrière.

O canto, introduzido já de ha muitos annos nas escolas primarias de todo o mundo civilisado, constitue não sómente uma aprazivel diversão para os alumnos, como tambem um salutar exercicio. O effeito desses cantos em festas publicas, é por vezes empolgante. Christmann, citado por Laisné, conta, a proposito da influencia moral do canto, o facto de, em uma festa federal de La Rochelle, quando os alumnos das escolas commerciaes, sob a direcção de Knentz, faziam gymnastica cantando, a emoção do publico attingiu um verdadeiro enthusiasmo, e affirma este professor que viu correr lagrimas.

A intervenção da musica, especialmente do canto, como meio de cultura physica e aperfeiçoamento do character, é hoje indiscutivel. Fallam a seu favor as mais respeitaveis auctoridades em hygiene e em pedagogia, quando não bastassem os principios, as fortes razões e os factos incontestaveis em que este methodo se funda.»

São estas as auctorisadas palavras do illustrado medico. Aos factos por elle citados, poder-se-iam juntar muitas dezenas de outros analogos. Conta Berlioz, em um dos seus livros, já bem antigo, que, assistindo uma vez na cathedral de S. Paulo, em Londres, a uma solemnidade em que milhares de creanças das escolas dessa cidade entoaram uns côros a unisono, acompanhados por uns clarins, elle e o seu companheiro, o velho Cramer, tão emocionados se sentiram, que este ultimo, com as lagrimas nos olhos exclamou, arrebatado, «*caso stupendo! la gloria dell'Inghilterra!* E ainda não ha muito tempo, falando eu com um meu amigo, muito dado a assumptos de pedagogia e que esteve alguns mezes na Dinamarca, elle me disse, a proposito da enorme diffusão das escolas primarias nesse paiz, onde não se encontra uma povoação, por mais insignificante que seja, sem a sua escola, que em todas estas existe o canto, é que, em alguns festivos a que assistiu, os côros infantis sempre despertavam o enthusiasmo publico, especialmente nas chamadas *canções dos officios*, em que cada estrophe, referente a um officio, era acompanhada por movimentos do corpo, imitando os movimentos do respectivo officio, executados pelas creanças com uma precisão e regularidade de encantar. Nós tambem já tivemos alguma coisa de analogo na nossa Casa Pia, onde os alumnos cantavam uma canção d'esse genero, cujas palavras tinham sido escriptas por Cesar da Silva, professor d'aquelle estabelecimento, e para as quaes eu arranjei a musica. Os alumnos executavam essa canção com verdadeiro *entrain*, tanto no canto como nos movimentos, e produziram um effeito colossal no Coliseu dos Recreios, quando uma noite ali a cantaram.

E' pois o canto na escola muito vantajoso, *hygienicamente, intellectualmente, moralmente e disciplinarmente*. Dedicarei ainda algumas palavras ao assumpto, sob estes quatro pontos de vista em separado, dando o primeiro logar á *hygiene*, o mais importante, com os apontamentos *sem alteração alguma*, que me foram dados por Abilio de Mascarenhas. Vae falar o distincto medico.

(Continua)

Emilio Lami.

(1) — Este preceito, tão racional e tão salutar, quasi nunca é rigorosamente observado entre nós; o que em geral se deseja, é obter a maxima sonoridade, por um meio de notas agudas, o que, além de ser um erro tecnico (especialmente em relação ás vozes de rapazinhos), é tambem um crime de lesa-hygiene e caridade. Na Casa Pia, algumas desagradaveis discussões e sensaborias tive por esse motivo. E. L.

RABECA OU REBECA?

DUAS CARTAS DO VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS

SURGEM no nosso idioma a cada passo as dificuldades orthographicas, não sendo raro ver a mesma palavra escripta por duas ou tres maneiras differentes, consoante a desencontrada opinião das mais auctorisadas pennas.

Para nós outros que quasi por *dilettantismo* frequentamos as lettras, a difficuldade transforma-se ás vezes em pesadello, pela convicção da propria insufficiencia e pela falta de arrimo firme em que possamos esteiar-nos.

No artigo que consagramos ao *Museu Keil*, empregámos uniformemente a graphia *rebeca*, estribando-nos na fórma medieval do vocabulo e suppondo não desdizer da sua remota origem arabe.

A carta que recebemos do illustre philologo e homem de lettras, o sr. visconde de Sanches de Frias, impugnando aquella maneira de escrever, veiu abalar as nossas, porventura erradas, convicções.

A uma opinião tão auctorisada e competente, muito desejaríamos juntar outras e esclarecer finalmente por completo este ponto grammatical, de tão alta importancia em uma revista do genero da nossa.

Por isso, a seguir ás communicações tão interessantes do sr. visconde de Sanches de Frias, teremos o maior prazer em registrar quaesquer outras apreciações tendentes a lançar alguma luz sobre o assumpto.

Eis a primeira carta do sr. visconde :

Meu amigo

A' revisão do último número da *Arte Musical* escapou a pag. 83 e muito repetidamente a pag. 84, uma errata, que eu, caturra intransigente do purismo da nossa lingua, peço licença para não deixar passar sem reparo.

Essa errata provém da corrupção vulgar e muito generalizada de um vocábulo, que dá a um instrumento músico, tambem vulgaríssimo, o nome da mulher hebreia, que foi esposa de Isac, e não o que se lhe deve dar em lídimo português.

Bem sei que certa imprensa e alguns dicionários, em ouvido e sciência filologica pouco escorreitos, marcam a barbaridade como pertença portugêsa.

Ora, sabido que os dicionários não fazem a lingua, mäs são feitos por ella ; que muitos dos que possuímos provém de meros copistas inscientes e de simples origens mer-

cantis, cumpre aos estudiosos cumpulsar as boas lêtras clássicas e os bons lexicógrafos.

Ora naquêles e nêstes não ha *rebeca* como instrumento músico e sim *rebeca*, já muito bem escrita pelo meu amigo, a pag. 35 do seu bello opúsculo *Chansons et instruments*.

E' pois de sentir que numa publicação musical e num instrumento vulgar, se ponha crisma, que o bom português não aceita, hajam vista os últimos livros dos dois abalitados filólogos Gonçalves Vianna e Candido de Figueiredo, onde se estranha e condemna tal errata.

Fico-me por aqui, declarando que isto não obriga a resposta, e que sabendo o meu amigo, muito bem, como ja escreveu, que *rebeca*, como instrumento, não é palavra portugêsa — eu lhe escrevo unicamente para que o revedôr da *Arte Musical* possa emendar a mão.

E nada mais.

Com particular aprêço e extremada consideração.

Lisbôa, 18 de abril, 905.

De V.
amigo muito grato

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS.

As breves palavras, com que agradecemos ao illustre escriptor, não envolviam um convencimento tão profundo que não originassem uma segunda carta, que a seguir trancrevemos :

Meu prezado amigo

Nas lêtras, que particularmente lhe endeecei, ha dias, já eu previa que se poderiam levantar dúvidas sobre o vocábulo *rebeca*, visto que vários dicionaristas, pouco autorizados e muito falhos de sciência filologica e bom ouvido, comungaram á mësda da vulgarizada corruptela, e registaram, leviamente, como instrumento músico, a *rebeca* que significava, como significa, apenas uma pequena vela de navio ou um enxergão de palha !

Alguns dêsses indivíduos, como Roquette, Constancio, Lacerda, Antonio Bordo, no dicionário português e italiano, outros ainda e as modernas edições do Moraes, quando mencionam a tal *rebeca*, mandam vêr *rebeca* que alfabeticamente escrevêram em primeiro lugar.

Moraes, porém, o mestre dos nossos lexicógrafos, na 1.^a e 2.^a edições do seu dicionário, únicas que elle reviu, e me-

recem crédito; João Fernandes Valdez, nos dicionários português-ingles e vice-versa; Francisco de Almeida, nos dicionários *Universal* e no das *Seis Linguas*; Candido de Figueiredo, na obra monumental, a que aggregou trinta e tantos mil vocabulos despresados e não recolhidos; e, antiga e classicamente, Souza Viterbo, no seu conhecido e erudito *Elucidário*, e frei João de Souza, nos *Vestigios da lingua arabe em Portugal*, e os classicos, poetas e prosadores, que seria longo enumerar, só mencionam rabeca.

A origem do termo não é bem conhecida e attribue-se a uma corrupção da palavra árabe *rababa*. O citado Valdez, dando a *rebeca* a significação única de enxergão de palha, escreve: *straw-mater-of-a soldier*, cama de palha para soldado; Almeida chama-lhe pequena vela superior á mazena; e Candido, o filólogo tão sabedor, cita o vocabulo como corrupção de *rebeca*; e no 1.º volume das suas *Lições Práticas da Lingua Portuguesa*, que já conta quatro edições, e ainda no 2.º, estigmatiza humoristicamente o cognome de Rebeca, mulher de Isac, dado á rabeca, instrumento, especialmente pela maioria da imprensa.

Souza Viterbo, quando trata de arrabil, dá-o como semelhante á *rabeca*; e frei João de Souza, occupando-se do mesmo instrumento, dá-lhe a mesma orthographia, e, na letra competente, quando regista *rabeca* dá-a como vos corrupta de *rababa*, vocabulo árabe.

Vamos pois com estes e com os clássicos de igual e maior jaêz, e deixemo-nos de frangalhar mais a nossa formosa e riquíssima linguagem, recomendando aos nossos revedores que não adulterem o original dos escritos, que lhes fôrem confiados.

Com particular apreço.

Lisboa, 26 de abril, 905.

Seu amigo muito grato

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS.

Posta a questão n'estes termos, importa saber se não haverá também alguns argumentos de peso, em favor da *rebeca*.

O estudo etymologico do vocabulo e uma ligeira analyse historica dos instrumentos que precederam o que por ora chamaremos cautelosamente *violino*, talvez elucide um tanto este pequenino problema.

Trataremos d'isso em um dos proximos numeros.

L.

DAMIÃO DE GOES

DAMIANUS a Goes, como elle assignava em latim, foi muito mais conhecido como musico do que se imagina pela curta biographia de Ernesto Vieira. Não o foi como um simples amator, quer dentro quer fora do paiz. J. Baptista de Castro insiste no extremo encanto da sua voz, e ajunta (pag. 348 tomo II. Mappa de Portugal) que por toda a parte onde passou foi sempre chamado o *musico*.

Delle fallam as historias de França e da Belgica como tal. Em 1542, quando Damião de Goes teve de ir a Fontainebleau, talvez para negociar o seu resgate das mãos de Nicolas de Benst, senhor de Longeval... os seus conhecimentos, por assim dizer inesgotaveis, o encanto que dimanava da sua conversação, e talvez *mais ainda do que isto* a sua sciencia musical e a arte infinita com que elle sabia acompanhar com muitos instrumentos uma voz encantadora, prepararam-lhe um maravilhoso acolhimento na corte de França. Francisco I recebeu-o no castello de Fontainebleau como Paulo III o tinha antes recebido em Roma.

Taes são as palavras de Ferd. Denis na *Biographie Universelle*, ajuntando que o proprio Damião de Goes se refere a esta sua estada no Brabante no opusculo dedicado a Carlos V, *Urbis Lovaniensis Obsidio*, impresso em Lisboa em 1546 e reproduzido depois da sua morte no tomo II da *Germania Illustrata* publicada em Bale em 1574.

O celebre Heinrich Loriti, chamado *Glareanus*, cita-o a pag. 264 do seu immortal *Dodecachord* impresso em Basilea (1547) como textual -- «mein Freund, ein portugiesischer Ritter und Edler, ein ausgezeichneter Komponist unsezer Zeit, ovelcher gánz Europa durchwandert ist und endlich zu Erasmus (von Rotterdam) an den Fuss des Schwarzwaldes Kam, bei dem er mehre Monate zu Gaste war».

Isto quer dizer em portuguez: «meu amigo, um cavalheiro e um fidalgo portuguez, um dos mais distinctos compositores do nosso tempo, que viajou por toda a Europa, e que finalmente visitou no sopé da Floresta Negra Erasmo, (de Rotterdam), de quem foi hospede durante muitos mezes».

E não contente com isto Glareanus chamou-o grande mestre em symphonias e ainda inseriu o motteto de Goes a 3 vozes *Ne læteris inimica mea*, a pag. 264 do seu *Dodecachordio* (ou pag. 211 da nova edição): facto importantissimo quando se considera que as obras transcriptas o foram como

exemplos e escolhidos dentre os melhores escritores do tempo, como Obrecht, Ockenheim, Josquin des Prés, etc.

Em 1688 Paul Freher no seu celebre *Theatrum virorum eruditione clarorum* etc., publicado em Nuremberg, apresenta-nos o seu retrato com o titulo *Musicus, Poeta, Orator et Historicus*, n.º 3 1.ª columna, pag. 1448, II vol.

Sir John Hawkins tão pouco o esqueceu em 1776 na sua conhecida *General History of the Science and Practice of Music*, em cujo 2.º vol. a pag. 438, reproduziu o motteto *Ne Laeteris* precedido de uma curta biographia, que em parte extratamos da pag. 326 do I vol. da ed. de 1853, Londres.

«No curso das suas viagens fez uma visita a Glareanus em Friburgo, e alli contrahiu uma amisade com Erasmo e com elle, de que este fallou com muita satisfação no Dodecachordon. Erasmo accusou a recepção de um bello presente de Damião em uma das suas Epistolas; e Damião, em uma das suas, diz-lhe que estimaria imprimir-lhe as obras á sua custa, e até escrever-lhe a vida, se lhe sobrevivesse. *Em musica elle foi classificado egual aos mestres mais eminentes do seu tempo.* O hymno seguinte da sua composição é o publicado no Dodecachordon».

Segue-se o motetto citado, que tambem foi reproduzido por Thomas Busby a pag. 539 do I vol. da sua *History Music*, Londres 1819.

Poucos annos depois de Hawkins em 1790, Ernst Ludwig Gerber publicou uma biographia de Goes a pag. 521 do vol. I do seu celebre *Historisch-biographische Lexikon der Tonkünstler*, Leipzig, depois traduzido em francez por Choron em 1810 e 11. E tendo corrigido e ampliado esta obra, taes meritos reconheceu em Goes — mercê de novos estudos — que não hesitou em fazer-lhe justiça a pag. 351 do vol. II da nova edição (1812-14), dizendo: «este homem, que era comparado com os maiores compositores do seu tempo, merece uma noticia mais extensa do que a que inserimos no outro Lexikon.»

Depois de Gerber, Mendel, Fetis, Mendel e Reissmann, Eitner, Champlin e Aphorp, Baker e outros, publicaram a biographia d'este *amadôr* de musica, tendo até um d'estes escriptores a audacia de lhe estampar o retrato em pleno seculo XIX! Refiro-me a Champlin e Aphorp, a pag. 164, primeira col. da sua *Cyclopedia of Music and Musicians*, New-York 1889: o retrato é copia exacta do que se encontra na 1.ª col. de pag. 1448 do livro já citado de Paulo Freher.

Depois d'estes, varios biographos, sem a especialidade artistica, se occuparam de Goes, como Michaud, Ferd. Hoefler e outros que mais ou menos os copiaram até á moderna *Grande Encyclopédie*, reconhecendo todo o seu valor como musico. Só Grove se esqueceu d'isto, citando-o apenas, e obrigatoriamente, como um dos compositores, cuja musica foi conservada ou reproduzida por Hawkins!

Espero que este nome figurará na nova edição, se o sr. Fuller Maitland me der licença... Estes elementos e os que Vasconcellos reuniu formam, com o que Fétis, Straeten, Ambros, e outros já imprimiram, materia para uma bôa biographia.

Eu digo *espero* porque uma longa e dolorosa experiencia me ensinou que não posso fazer nada sózinho. Quem me ajudará porem se a historia patria anda ao desamparo?!... — Damião de Goes não era só cantor e compositor de musica. Era tambem critico, como o prova o elogio que fez do celebre *Josquin des Prés*, impresso, segundo Fétis, se me não engano. Eitner ignorou este facto, ou esqueceu-o nas suas *Quellen*; e nós nada pudemos aqui descobrir a este respeito.

Museu Britannico, 25 março 1905.

CARLOS DE MELLO.



CARTAS A UMA SEHNORA

LXIII

De Lisboa.

TINHA ainda nos ouvidos as ultimas notas d'um bem sentido e bem pessoal trecho do inconfundivel e melancolico Chopin, trecho divinamente tocado por mãos d'anneis que são tambem mãos de artista, quando pela quarta ou quinta vez me encontrei nas salas da nossa Exposição annual de Bellas Artes...

E, parando casualmente defronte d'um forte retrato *signé* Carlos Reis, com pesar e com remorsos me lembrei que não lhe havia escripto a proposito de uma outra exposição tambem — a da já benemerita Sociedade Silva Porto, obra entre todos querida pelo discipulo amado d'esse grande pintor extincto, cujo nome illustre serve de egide amavel á referida agremiação onde demais a mais este anno figurava um novo luctador ousado.

Agora, ai de mim é já tarde para o fazer, e o que em parte me consola, é que posso aproveitar o ensejo para saudar no presente certame da Sociedade Nacional dois pelo menos dos já festejados moços que n'aquella tão potentemente vincaram de luz a sua passagem por essas mesmas salas...

Saude e Trigo são esses moços, e convem que a minha amiga os fixe porque dentro de breves, de brevissimos annos ouvirá falar d'elles a mais sonoras vozes que esta que agora aqui se digna escutar é tão desmaiada é...

O publico nem sempre sabe ser justo e especialisar entre as obras de um artista aquellas que realmente mais valem pela factura ou pela idéa, e d'ahi o ter de preferencia dispensado talvez os melhores epithetos a télas que porventura não eram as primeiras; mas é já um animador symptoma que se vá familiarisando com as novas fórmas de visionação da natureza, e com os pessoaes processos technicos de cada novél pintor que surge, na sua maneira de interpretar a paisagem e de traduzir a vida, para que por agora exijamos mais; por isso o que alguém pôde notar na exposição da Sociedade Silva Porto, se deu egualmente agora na exposição da Sociedade Nacional.

Assim, para começar logo pelo mais justamente glorificado, o grande Malhõa, decididamente o astro dominante n'esse pedaço de horisonte de téla onde ha constellações e estrellas de todas as grandezas, não é acaso o mais falado dos seus quadros aquelle que cabalmente nos dá o valor exacto das assombrosas qualidades d'esse illustre mestre, e tal télasinha não tanto em evidencia ou de menores dimensões mereceria — quem sabe? — os louvores que para outras vão; mas enfim, como um mesmo nome firma todas, e em consciencia em tudo o que d'esse pincel saíu ha incontestavelmente saber consummado e tonalidades e effeitos de uma verdade intensa e de uma poesia viva, talvez ninguem deixe de ter razão e não valha no fundo a pena discutir as impressões de cada qual — desde que sejam sinceras...

Quasi o mesmo succede tambem com Carlos Reis, com Vaz e com os tres ou quatro mais conhecidos já n'esta ordem de concursos annuaes em que o publico é chamado a intervir com as suas preferencias e com a sua bolsa...

Não me espantaria pois saber que nem sempre os expositores venderam aquelles dos seus trabalhos que mais estudo lhes mereceram ou melhor traduziram o seu sonho d'arte e de belleza, mas quer-me parecer que todos quantos forem fundamentalmente crentes da religião que abraçaram prosegui-

rão caminhando sempre para maior perfeição e para mais real grandeza, e d'ahi a confiança que decerto podemos nutrir que artistas ou amadores, apaixonados levitas do Divino Verbo ou simples *dilettanti* do sport estheta, se dentro d'alma sentem ou vierem a sentir o fogo que consome e a febre que esbrazeia, salvar-se-hão e salvar-nos-hão.

Já n'uns e n'outros, certos se destacam que em consciencia são dignos de menção e credores de sympathia, e aquelle que por exemplo fez o retrato que tem o n.º 24, e aquella que pintou o n.º 10, ou que nos deu o quadrinho n.º 9; o paisagista do n.º 20 ou o *marinhista* dos n.ºs 69, 74, 75, etc.; o que na *Sopa da Santa Casa* achou aquelles typos de velhas, fazendo-nos esperar futuras producções da chamada arte social; em summa, as manchasitas que aqui e ali cortam a monotonia das paredes e quebram a sombra das obras fracas, alegremente nos insufflam a esperanza que n'um futuro que ha de ser presente contribuirão para ainda virmos a ter aquillo por que eu constantemente aspiro e a que em tempos me permitti chamar a escola da pintura portugueza.

Queria, boa amiga, falar lhe de arte applicada onde na exposição ha evidentemente specimens devéras apreciaveis; gostaria de referir-me á pintura dos azulejos que graças a Jorge Collaço e Gomes Fernandes revive cheia de seiva e de bravura; não deveria omittir-lhe o nome glorioso e querido de Antonio Augusto Gonçalves, que em tres simples peças executadas sob a sua direcção e desenho nos mostra o que seria a arte industrial se amanhã soubessem aproveitar a competencia, unica em dados ramos do illustre restaurador da Sé de Coimbra, mas falta-me o espaço e escasseia-me o folego, e depois valerá realmente a pena abusar da sua paciencia com a minha prosa insulsa?

V. Ex.ª o decidirá emquanto eu fico pensando no meu pobre nada.

Ah! Querida amiga, levados pelo inconsciente atravez do imprevisto que somos nós humanos, senão uns pobres filhos da aventura e da duvida ora topetando com os astros ora afundando-nos em barrancos mas nem perto d'aquelles nem junto d'estes logrando descortinar ao menos em que divina clareira amada existe afinal a Verdade?! E quem nos diz sequer se esta existe e não é tambem, e não é apenas, uma linda miragem da phantasia docemente embebida no luar do sonho?

AFFONSO VARGAS



Carlos de Mesquita

ENCONTRA-SE entre nós este esperançoso artista brasileiro, muito vantajosamente conhecido em Paris, onde reside ha mais de 12 annos e onde tem seguido, com notavel brilho, uma carreira artistica muito interessante.

Foi alumno do Conservatorio de Paris, cursando ahi o piano, o orgão e a composição, sob a direcção de Marmontel, Cesar Franck e Massenet.



Alem de pianista muito distincto, Carlos de Mesquita é compositor de grande merecimento e fecundidade.

As suas obras de piano são muito conhecidas em Portugal e muitas d'ellas figuram na estante das nossas mais distinctas amadoras, lembrando-nos, entre outras, a *Valse brésilienne*, *Ronde militaire*, *Air de Ballet*, *Feuillets d'album*, *Esmeralda*, *Valse romantique*, *Aquarelles*, *Valse des guitarreros*, *Fandango*, *Sérénade*, *Chanson créole*, *Boite à musique* que todas teem tido grande exito.

Tem ainda na sua bagagem artistica uma opera, *Esmeralda*, tirada do romance de Victor Hugo, *Notre Dame de Paris*, e cujos bailados já foram executados em concertos orchestraes, bem como uma comedia lyrica em dois actos, *Souvent homme varie*, com libretto de Louis Gallet, que já foi ouvida com muito agrado pelo director da *Opera Comique* de Paris e com a promessa de a levar á scena no seu theatro.

Carlos de Mesquita demora-se alguns dias em Lisboa e dará um *recital* de piano no Salão do Conservatorio, fazendo ouvir um certo numero das suas composições.

Esta apresentação está annunciada para a proxima noute de 18 e no programma, como em outra secção annunciamos, brilhará tambem o nome de uma joven cantora russa, de grande renome e belleza.



No salão do Centro Commercial do Porto realisou em 28 de abril uma interessantissima sessão musical, o nosso illustre amigo e prestigioso leccionista portuense Ernesto Maia.

Alem de varios discipulos seus, apresentaram-se n'este concerto o violinista portuense Henrique Carneiro, o violoncellista Carlos Quilez e o proprio Ernesto Maia, como pianista e como organista.

Entre as peças mais salientes do programma figurava a *Sonata* de Grieg (op. 45) para piano e violino, pelos srs. Carneiro e Maia, o preludio do *Déluge* de Saint-Saëns para violino, orgão e piano e varias obras para orgão-Mustel, em que o intelligente promoto foi muito especialmente applaudido.

Ernesto Maia tambem se apresentou como solista de piano na *Valsa indolente* de Saint-Saëns e no conhecido *Capriccio* de Scarlatti.



Não menos interessante foi a audição de alumnos que o eminente professor Moreira de Sá realisou na mesma data, no seu salão da rua de Santo Antonio.

Alem dos varios discipulos de piano e de violino que concorreram n'esta audição, tocou o illustre mestre o *Caprice* de Guiraud e uma *Melodia* de Ravina, sendo em ambas as peças acompanhado por sua intelligente filha.



No dia 30 do mez passado offereceu a snr.^a D. Candida Cilia de Lemos uma variada *séance* a pessoas de suas relações e alguns artistas.

Collaboraram no programma as suas talentosas discipulas D. Adelaide Timbal e D. Ernestina Monteiro, bem como uma cantora de notaveis recursos, Madame Santos Loureiro que, com geral agrado, se produziu em trechos de Tosti, Pinsuti e Puccini.

A illustre promotora do concerto apresentou, como pianista, um variado repertorio de obras de Beethoven, Chopin, Mendelssohn, Grieg, Sinding etc., tocando tambem no harmonium, em que tem feito uma verdadeira especialidade, o *Prelude, fugue et variation* de C. Franck, a *Meditation* de Lefebure-Wely, a marcha religiosa do *Lohengrin* e o *Fausto* de Ketterer e Durand.

A diligente professora foi muito felicitada e applaudida.



A 4 de maio corrente organisou a *Real Academia de Amadores* um sarau de alumnos, que foi brilhantemente concorrido, como todos os que promove esta prestimosa Associação.

Os alumnos apresentados eram quasi todos do 2.º e 3.º annos dos cursos de piano, violino e canto e fizeram honra aos seus respectivos professores.

Folgamos de vêr que entre os numeros de musica executados figuraram quatro composições do pranteado maestro Hussla, *Ballade, Gavotte, Barcarola e Capriccieto*. E' bom que se vá por essa forma perpetuando a memoria do excellente musico e excellente amigo que era Victor Hussla, tão vivo ainda no coração d'aquelles que verdadeiramente o amaram. E' a unica forma que temos de exteriorisar a saudade do extincto artista, e avigorar em todos o respeito pelas suas grandes qualidades de coração e de intelligencia.

A professora D. Maria Adelaide Sanguinetti, que é, como todos sabem, uma das nossas abalisadas leccionistas de canto, apresentou, crêmos que pela primeira vez, o resultado dos seus trabalhos academicos, fazendo cantar as suas discipulas D. Herminia Russel, D. Fatima Tamagnini Barbosa, Luiz Macieira etc. com bôa empostação e methodo.

*

Em casa do illustre professor Rey Colaço realisou-se no domingo 7 uma interessante *matinée* exclusivamente destinada a apresentação de sua gentilissima filha M^{lle} Jeanne Colaço, que assim iniciou a sua auspiciosa carreira de pianista concertista.

A talentosa *virtuose* executou da fórmula mais primorosa e correcta o escolhido programma, que continha trechos de Bach, Scarlatti, Beethoven, Schumann, Chopin e Grieg, merecendo porém ainda mais entusiasticos applausos da numerosa e brilhante assistencia na ultima parte do concerto, da qual foram bisados alguns numeros. A Rey Colaço, como professor eminente e pae extremosissimo felicitamos cordealmente pela brilhante estreia da sua dilecta filha e discipula.

❧

Ao favôr e boa amizade do eminente critico d'arte, o sr. Dr. Antonio Arroyo, devemos a promessa de um artigo de apreciação sobre José Vianna da Motta.

Conforme os dizeres da carta que acabamos de receber e que pedimos licença para aqui transcrever, fica reservada a publicação do referido artigo para o proximo numero, com o que nada perderão nem os admira-

dores do genial pianista portuguez nem os do insigne homem de letras, que assim nos quer dar, mais uma vez, a honra da sua prestigiosa collaboração.

Eis a carta :

Ex.^{mo} Amigo,

Não lhe envio hoje o meu artigo acerca do Vianna da Motta. Tenha paciencia.

Se se tratasse apenas de registar impressões recebidas no concerto do dia 9, elogiando a conhecida *technica prodigiosa* do nosso grande pianista, facil seria, como a todos os criticos succede, notar ao correr da penna essas impressões e esses prodigios d'execução. Parece-me porem que, tratando-se d'um artista portuguez verdadeiramente transcendente, a critica deve fazer alguma cousa mais do que limitar-se ao que acima digo.

Tenho por vezes falado de Vianna da Motta, observando, com verdadeiro interesse d'amigo e de portuguez, todas as faces do seu complexo talento. Hoje vejo-o chegado ao que eu penso ser a maior altura a que um interprete musical pode aspirar ; vejo-o dominando as atenções de todos os grandes publicos do mundo ; e vejo-o tambem impondo-se ao respeito da parte mais culta do publico de Lisboa. Tudo isto resulta da forma porque esse talento evolucionou. Não devemos pois nós portuguezes, no interesse de todos nós em geral e dos que se dedicam á musica em especial, falar a serio da vida mental d'esse artista verdadeiramente modelar ?

Não devemos tambem investigar a forma por que o nosso publico aprecia a arte de Vianna da Motta, aquillo que elle sente e aquillo de que elle discorda dentro d'essa arte ?

Póde ser que me engane. Mas, emfim permitta-me que, seguindo as idéas que aqui esboço, eu lhe envie o meu artigo para a proxima semana. Creio que, na evolução do Vianna da Motta pianista, se encontra resolvido um interessante caso esthetico de caracter geral embora concretisado na musica ; creio que, da exposição d'esse caso, resultarão algumas noções valiosas a applicar no ensino das artes. E, finalmente, não sendo no seu jornal, não vejo onde essa exposição se possa fazer. O seu jornal julgo-o destinado a este genero de litteratura, tendo a missão não só d'informar, mas sobretudo d'educar.

Deixe-me pois pensar mais algum tempo sobre o que ouvi no concerto do dia 9, sobre a recepção que o publico fez á arte de Vianna da Motta, sobre tudo quanto a critica lisbonense diz acerca d'ella.

Eu não sou para pressas, nem creio que das pressas saia cousa de geito. Vou fazer o melhor que posso.

De V.
Amigo e muito admirador
ANTONIO ARROYO.

Lisboa, 11 Maio.



Sendo-nos reclamado apressadamente o original para a composição d'este numero, não podemos esperar por noticias pormenorizadas do concerto de Vianna da Motta, no Porto, a 11 do corrente.

Recebemos porém n'este mesmo momento o seguinte telegramma: *Concerto Vianna estrondoso successo, flôres, applausos interminaveis*, que nos dá ideia de quanto terá sido apreciado o nosso primeiro musico pelo publico do *Orpheon Portuense*, onde se realisou a festa.

O programma foi semelhante ao de Lisboa, sendo apenas substituida a *Sonata* de Beethoven por outra do mesmo auctor, op. 111.



A 1.^a Sessão de Sonatas na sala Moreira de Sá, a 12, teve o concurso de Vianna da Motta que executou com o illustre violonista portuense a *Sonata á Kreutzler* e a de Lekeu, em primeira audição.



A 14 deve ter-se effectuado uma audição de discipulos de Thimoteo da Silveira, de que, pelo mesmo motivo, não podemos dar conta.

Participaram n'essa audição as alumnas D. Celeste, D. Hilda e D. Regina Gomes, D. Maria Luiza Araujo, D. Bertha Bivar, D. Ambrosina Villaça, D. Izabel Gomes, D. Claudina Machado, D. Carmelita Gomes, D. Aida da Silveira, D. Amelia Costa, D. Adelaide Pereira, D. Emilia de Araujo, D. Alice de Carvalho, D. Manuela Santiago, D. Emma Noellner e D. Julieta Maia.

O programma, artisticamente escolhido, constou só de peças classicas, Beethoven, Field, Mozart, Chopin, Schumann, Mendelssohn, Dusseck, Scarlatti, Schubert, Haydn, Bach, Haendel e Weber.



Com um programma muito variado em que figuraram trechos para violino, bandolim, violoncello e canto, realisou o *Asylo-escola Antonio Feliciano de Castilho* hontem, 14, uma *matinée* commemorativa do 17.^o anniversario da sua fundação.

Além de varias alumnas d'este caridoso instituto, tomaram parte na festa as sr.^{as} D. Eugenia Crespo (violino), D. Aida Rebello d'Almeida (bandolim), D. Virginia Moreira (canto) e sr. Arnaldo Fortée (violoncello), bem como o *Quarteto Mantua* sob a direcção do talentoso professor do mesmo nome.



O concerto annual do illustre professor violinista D. Francisco Benetó está annuciado para amanhã, 16, no salão do Conservatorio. O programma é interessantissimo e e estamos certos que ha de attrahir enorme concorrencia de admiradores do notavel artista.

A *Sociedade de Musica da Camara* executará o primeiro andamento do *Quinteto em dó* de Mozart. O distincto concertista apresentará, conjunctamente com o intelligente pianista, sr. José Bonnet, a formosissima *Sonata* de Cesar Franck, uma das maravilhas da moderna musica de camara.

O adagio da segunda *Sonata* de Ariosti, tocada na viola d'amôr e no cravo pelos srs. Antonio Lamas e José Bonnet será tambem um dos bellos attractivos e surpresas d'este concerto.

Uma eminente amadora de canto, a sr.^a D. Josephina Aboim Wasa d'Andrade, executará uma aria de *Thaïs* e o *Sogno* de Mercadante, com acompanhamento de piano e violoncello, pelos srs. Sarti e D. Luiz de Menezes, sendo preenchido o resto do programma pelo sympathico beneficiado, que executará a solo a *Havanaise* de Saint-Saens, a *Fuga* de Bach e um *Czarda* de Armand.



Em 18 é, como já dissemos, a apresentação do pianista e compositor brasileiro Carlos de Mesquita.



Uma formosa cantora russa que se encontra de passagem em Lisboa, Mademoiselle Sonia Liedine Nimidoff, de que fallam com muito louvôr os jornaes francezes que temos á vista, *Le Figaro*, *La Presse* e outros, abrihantará tambem o concerto do sr. Mesquita, cantando algumas romanzas.

Mademoiselle Nimidoff é muito joven e possui uma excellente voz de soprano ligeiro, muito malleavel e sympathica. E' portanto mais um attractivo de novidade para o concerto do eximio maestro brasileiro.



E' muito variado e sobremodo interessante o programma do 3.^o concerto de assinatura

da *Schola Cantorum*, que se vae realisar no salão da Trindade em 19 d'este mez.

Será precedido de uma conferencia elucidativa, feita pelo snr. Conselheiro Fernando de Sousa e abrangerá um periodo historico de mais de dois seculos, a começar em Pa-lestrina e a terminar no nosso Marcos Por-tugal.

D'este ultimo artista, considerado por to-dos os musicographos como o principe dos nossos antigos compositores, ouvir-se-ha um côro a quatro vozes, *Cum sanctu spiritu*, desenterrado da Bibliotheca da Ajuda pela audaz e intelligente iniciativa de Alberto Sarti, o strenuo propagandista da musica coral entre nós e o intemerato fundadôr da *Schola Cantorum*.

Deve sêr uma bellissima festa e, sob o ponto de vista artistico, um dos tentamens mais interessantes da presente epoca de con-certos.

Consta que o 4.º concerto de assignatura se effectuará em 3 de dezembro com a *Res-surreição de Christo*, celebre oratoria do abbade Perosi, para vozes e grande orches-tra.



Na proxima quinzena, em data ainda in-certa, realisar-se-ha a penultima audiçãõ d'esta epoca, promovida pela *Sociedade de Musica de Camara*.

Tomará parte a insigne pianista, snr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, que alem de executar uma *Sonata* de Beethoven, a solo, tomará parte em uma *Sonata* de Grieg e no *Quarteto* de Schumann, que a socie-dade apresenta pela primeira vez.



Por uma commissão de pessoas da socie-dade é promovido no dia 31 do corrente um concerto de caridade, cujo programma se ignora por ora.

A festa realisa-se no Salão do Conserva-torio.



DO PAIZ

Parte brevemente para o Porto a notavel pianista e professora do Conservatorio, D. Adelina Rosenstok, que se propõe dar uma audiçãõ musical na capital do norte.

Parece que o concerto se effectuará no salão do Theatro S. João, a 27 do corrente.



Mauricio Bensaude, o sympathico baritono que esteve escripturado no S. João, durante a epoca transacta, encontra-se actualmente em Sevilha, cantando com geral agrado no theatro lyrico d'essa cidade.



Teem-se referido alguns jornaes ao estado de miseria em que se encontra a filha do maestro Casimiro, octogenaria e quasi cega, invocando para a infeliz Carlota Joaquina a commiseraçãõ dos caridosos.

E' effectivamente uma desgraçada, que merece uma esmola; se algum dos nossos leitores lh'a quizer enviar, poderá fazel-o para a rua das Taipas, 9, onde reside por caridade.



Retirou-se para o Bomjardim (Bellas) o sympathico maestro Andrés Goñi, a fim de restabelecer-se dos persistentes incommo-dos que ultimamente o tem affligido.

De todo o coração lhe desejamos uma rapida convalescença.



O sr. Joaquim Rodrigues, musico de pri-meira classe da guarda municipal, passou para a 7.ª companhia de reformados, com o vencimento de 600 réis diarios.



O excellente cornetinista, sr. Joaquim A. Martins Junior, foi escripturado para pri-meiro *trompette* da orchestra do theatro de S. Carlos, na proxima epoca, com o orde-nado de 70.000 réis.

Vae-se fazendo finalmente justiça aos nos-sos melhores artistas, que muitas vezes se viram preteridos, nos primeiros logares, por artistas estrangeiros de pouco valôr.

Martins Junior é, na sua especialidade, um notavel tocador, e todos se lembram ainda do exito extraordinario que obtiveram as suas audições do *Septuor* de Saint Saëns, promovidas pela *Sociedade de Musica de Ca-mara*, e em que o distincto artista tanto se evidenciou na parte de *trompette* d'essa for-mosa composiçãõ.



Começa a 18 d'este mez no Conservatorio e termina em 31 o praso para a entrega dos requerimentos dos alumnos extranhos que pretendam fazer exame ou passar por media no presente anno lectivo.

Realisa-se hoje em Aveiro e a proposito das festas a Santa Joanna, que este anno assumiram uma especial imponencia n'aquella cidade, um concurso musical em que toma parte um grande numero de philarmonicas.

Ha tres premios, cuja importancia é respectivamente de 50, 30 e 20 mil réis e uma menção honrosa para a banda que fôr classificada em quarto lugar.

DO ESTRANGEIRO

Com o *Rheingold* de Wagner abriu-se em 1 do corrente a *season* lyrica de Londres, com uma sala muito brilhante.

Tinham vindo pessimas noticias de Boston a proposito da saude do celebre pianista Paderewski, victimado n'estes ultimos tempos por incommodos nervosos de certa gravidade.

Porem todavia que o notabilissimo artista se encontra em via de melhoras.

De 20 a 22 d'este mez haverá em Strasburgo grandes concertos de character inteiramente internacional e alternativamente dirigidos por Chevillard, que fará ouvir as *Béatitudes* de Cesar Franck e as *Impressions d'Italie* de Charpentier — Gustavo Mahler, director viennense, que apresentará a 5.^a symphonia de sua propria composição e a *Nona* de Beethoven e Ricardo Strauss, de Berlim, sob cuja batuta será executada a sua *Symphonia domestica* e o final dos *Mestres Cantores*.

A orchestra de Strasburgo será augmentada a 108 executantes.

Fundou-se em Paris uma nova *Sociedade J. S. Bach*, que se propõe fazer ouvir exclusivamente as obras do mestre de Eisenach e, nomeadamente, as suas cantatas.

A installação, vasta e adequada, é na rua de Trévisé

Contam os fundadores da nova Sociedade com artistas de primeira ordem, Guilmant, Widor, Gigout, Lucien Capet, Enesco, Maria Gay etc.

Sarasate está em Paris e effectuou ainda ha pouco, em 4 e 11 d'este mez, duas audições no Trocadero, com o concurso da orchestra Colonne.

O celebre organista Alexandre Guilmant recommçou no Trocadero as suas sessões intimas de musica de orgão, que tem por principal intuito completar pelo exemplo os seus cursos do conservatorio.

Estas audições teem lugar todas as segundas feiras, até 3 de julho.



ENTRE OS jornaes e brochuras que temos sobre a carteira, destaca-se um folheto que devemos á amabilidade do maestro Alberto Sarti e em que vem transcripta a conferencia com que o nosso erudito amigo e collega, o sr. Mello Barreto, illustrou a execução da *Missa de Requiem* de Mozart, realisada em 17 do mez passado no salão do Conservatorio.

Agradecemos a gentileza da offerta e felicitamo-nos por vêr cuidadosamente archivada esta bella pagina litteraria.



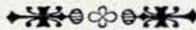
Morreu ha pouco em Bergamo, tendo apenas 50 annos de idade, o excellente maestro Angelo Mascheroni.

Foi reputado compositor, deixando no seu espolio artistico uma opera em dois actos, *Mal d'amore*, muitas romanzas, musica religiosa, etc.; mas onde mais se distinguuiu foi na regencia d'orchestra, cujas funcções exerceu com grande exito no Covent-Garden de Londres e no Metropolitan de Nova-York.

Acompanhou Adelina Patti durante 12 annos, nas suas *tournées* da Europa e da America.

Falleceram tambem *Anna de La Grange*, uma das mais notaveis cantoras do seculo xix, sogra do conhecido compositor Francis Thomé, *Heitor de Champs*, compositor e pianista de Florença, *Julius Kniese*, chefe dos coros do theatro de Bayreuth, *Natalia von Grünhoff*, cantora lyrica mais conhecida no theatro sob o pseudonymo de Frasini.

Os novos Guarda-Musicas



É is aqui um objecto que de todo faltava no nosso mobiliario artistico. Commodo, elegante e pratico.

Os antigos armarios para musica não passavam geralmente de uma estante à *bibelots*, obra de fancaria, barata e reles, que muito se ufanava da sua serventia artistica, junto ao piano das nossas elegantes.

Outros havia, com o aspecto de um *chiffonnier*, que pareciam distrahidos do seu verdadeiro logar, ao lado da cama da gentil proprietaria.

Ainda os havia, em forma de *cesto*, com divisões verticaes, onde só a musica encadernada tinha cabimento.

Tudo isso, de uma feitura mesquinha e de um gosto deploravel e horrendamente burguez.

O modelo creado agora pela casa Lambertini, tem, como primeira vantagem, a de não occupar espaço na sala ou gabinete onde está o piano; no forçado *encombrément* das casas modernas, tão exiguas, é um movel de menos, com que estejamos topando a cada passo.

Occupna na parede, onde se suspende, o espaço de um pequeno quadro e a propria forma do objecto permite que se adorne com um artistico *bibelot* ou se alegre com a frescura perfumada de duas rosas.

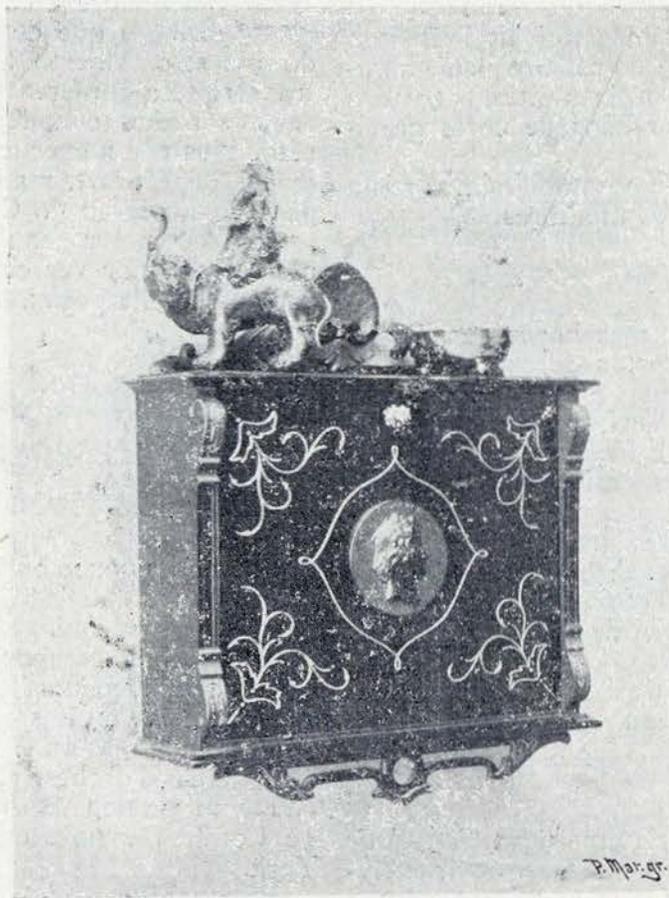
Colloca-se é

que se não trata de um archivo de musicas, mas simplesmente de uma estante para guardar as que andem em uso.

Por agora só estão expostos á venda tres modelos ou typos differentes de guarda-musicas; recommenda-se um d'elles pela engenhosa adaptacão de uma estante para tocar rebeca, violoncello etc., o que permite conciliar em um só objecto e por um custo minimo duas applicacões indispensaveis ao estudioso.

E já que fallamos em custo, devemos dizer que são resumidissimos os preços dos novos guarda-musicas—4, 5 e 7.000 réis, conforme o modelo.

Acham-se á venda exclusivamente no deposito da casa Lambertini, praça dos Restauradores, 43 a 49—Lisboa.



claro, ao lado do piano e nada impede que para a construcção d'este elegante accessorio se obedeça ao estylo dominante no piano ou na mobilia que garante a sala, conciliando assim a harmonia tão justificadamente procurada nas decorações modernas.

Apesar de aparentar pouco volume, pode conter 120 peças de musica, de mediana espessura; tem portanto muito mais espaço do que o preciso para arumacão das peças de que qualquer pianista pode carecer diariamente, pois não devemos esquecer